



**DISCURSO NA COLAÇÃO DE GRAU DO CURSO DE ARQUITETURA E
URBANISMO UEG/ UnUCET/ TURMA 2-2012**

**Centro de Convivência / Campus Henrique Santillo
Anápolis, 08 de março de 2013.**

Prof^a Angélica de Amorim Romacheli

Boa noite! Gostaria de cumprimentar o Professor Dr. Olacir Alves Araújo, diretor desta Unidade, nesta cerimônia representando o magnífico reitor da Universidade, em nome do qual eu cumprimento a mesa. Gostaria também de cumprimentar os convidados do evento: pais, familiares, amigos e companheiros dos formandos; professores; funcionários do corpo administrativo desta Universidade e profissionais envolvidos na organização. E por fim, cumprimentar os formandos, o motivo da celebração desta noite.

Primeiramente queria agradecer o convite para estar aqui. Este convite muito me honra. Essa é, talvez, a maior honraria que pode um professor colher. É um valioso reconhecimento do trabalho que construímos dia a dia nas salas de aula. Gostaria de estender essa homenagem aos meus colegas professores que, ano após ano, incentivaram os formandos na busca do conhecimento e os inspiraram para que pudessem estar aqui hoje e para ir além.

Gostaria, em segundo lugar, de parabenizar os formandos pela inovadora concepção desta cerimônia e pelo grande esforço dispendido na sua realização. Houve quem suasse a camisa, literalmente, para que pudéssemos estar aqui hoje. Realizar essa cerimônia aqui neste *campus* isolado, sob o mal afamado “elefante azul”, longe do luxo vazio das casas de festa é um relevante ato de comprometimento, carinho e respeito pela



instituição que vocês escolheram e que os acolheu. É inspirador para todos nós, membros desta Universidade.

Desde que fui comunicada desta honrosa homenagem, já há alguns meses, tenho perdido o sono pensando no que lhes diria esta noite. Tive medo de que não houvesse nada de novo a dizer, depois de já ter falado e falado ao longo desses vários anos de convivência. É fato que, com o coração tomado de emoção, daqui a cinco minutos, vocês pouco se lembrarão do que eu disse aqui. Ainda assim eu não queria fazer feio e também desejava aproveitar a oportunidade para dirigir-lhes minhas palavras definitivas de encorajamento e de carinho.

Depois de pensar muito, sem ter encontrado o fio da meada, um dia eu reabri o convite para paraninfa que eu tinha recebido por *email*. Foi então que me dei conta da frase que, não por acaso, dá nome à turma: **“Converse com a cidade”**. Foi só então que percebi que, quer fosse o meu nome ou o nome da turma primeiro, ambas as escolhas estavam interligadas.

O nome da turma não era o de um arquiteto do *jet set*, não era o nome do monumental Oscar Niemeyer, recentemente falecido, nem mesmo o nome de um teórico festejado pelas academias. Era a materialização de um desejo. Um desejo que, aliás, compartilhamos, de que seja possível reestabelecer nossos laços com as cidades. E reestabelecer laços com a cidade significa a fé nos laços com o outro. Ainda que seja o outro anônimo, que caminha pelas ruas de nossas metrópoles.

Pensei então que essa escolha era bastante incomum e bastante reveladora do tipo de profissional que estamos formando aqui. O convite para paraninfa tornou-se então duplamente envaidecedor. Afinal não é todo dia que uma turma de novos arquitetos nos chama a travar contato com a cidade.

Conversar com a cidade está mesmo cada vez mais difícil. Nossas cidades vêm se transformando, dia após dia, em fortalezas. Todos têm medo. Um medo profundo da



diferença, um medo profundo do outro. Os edifícios revelam o estado de espírito de quem os habita: nos muros altos, nas grades pontiagudas e nas cercas elétricas.

Nossas cidades são uma violência. Se estivermos dentro de um carro não sentimos essa violência. Só quando alguém se aproxima vendendo chicletes no semáforo e, então, rapidamente fechamos o vidro. Mas, se estivermos a pé, sentimos como nossas cidades estão cada vez menos convidativas e aí preferimos, nas poucas horas de lazer de que ainda dispomos, passear nos *shopping centers* ou correr nas pistas bem cuidadas dos parques dos bairros mais ricos.

Nas poucas tentativas que fazemos de ir à padaria a pé, calçadas esburacadas e muros intermináveis nos convencem de que é melhor ir de carro ou ficar em casa. Como escreveu a arquiteta Teresa Caldeira: “*A ideia de sair para um passeio a pé, de passar naturalmente por estranhos, o ato de passear em meio a uma multidão de pessoas anônimas, que simboliza a experiência moderna de cidades, estão todos comprometidos em uma ‘cidade de muros’*”.

Mas a arquitetura e o urbanismo podem fazer algo para reestabelecer estes laços? Desde *Camillo Sitte*, no final do século XIX, *Jane Jacobse Gordon Cullen*, na segunda metade do século XX, até *Jan Gehl*, o mais celebrado urbanista da atualidade – só para citar os mais conhecidos – estavam ou estão todos convencidos de que o desenho das cidades e o dos edifícios pode, sim, ajudar a reabilitar laços sociais perdidos. Especialmente os que se perderam após a invasão das cidades pelo automóvel, a partir de meados do século XX.

Prefeituras de cidades, como as norte-americanas *Nova York*, *Los Angeles* e *Seattle*, vêm recentemente editando normas e cartilhas com o objetivo de fomentar o que passou a se denominar *walkability*, em bom português, a caminhabilidade, ou acapacidade que devem ter as cidades de atrair seus moradores para ir ao trabalho, buscar os filhos na escola, comprar o jornal ou simplesmente sair para um passeio – **a pé.**



Trazer o pedestre de novo para as ruas reduz os índices de poluição do ar, revigora a economia local, fortalece laços sociais e desentope coronárias. Pode parecer estranho, mas as políticas de saúde – especialmente nos Estados Unidos– têm visto, na requalificação das cidades, o antídoto para a epidemia de sedentarismo, de obesidade e para os crescentes índices de mortes por doenças cardiovasculares.

Quem dera uma boa parte de vocês pudesse ganhar a vida participando de projetos em que se concretize esse desejo! Quem sabe esses manuais cheguem por aqui um dia! Quem sabe os arquitetos e o mercado imobiliário, principalmente, passem a se preocupar com o papel de seus edifícios na qualificação da cidade! O caminho com certeza é longo, mas não é impossível.

Onde atuarão os milhares de arquitetos que saem das nossas 270 escolas de Arquitetura? É certo que passamos por um *boom* imobiliário. O programa *Minha Casa Minha Vida*, sozinho, já construiu mais de 150 mil unidades e tem outras 500 mil contratadas. A participação dos arquitetos, entretanto, é mínima. É proporcional à qualidade das unidades produzidas.

É claro que é preciso pensar nos horizontes desse novo mundo que se abre a partir de hoje. Todos vocês acalentam sonhos: um apartamento descolado, dar a volta ao mundo, formar uma família. Em parte, estes largos sorrisos, estampados no rosto de seus pais, vêm da esperança de que, depois desses longos vinte e poucos anos, muito em breve, vocês possam viver às suas próprias expensas. E eles, os seus pais, possam finalmente dar a sua própria e merecida volta ao mundo.

Como se estabelecer num mercado cada vez mais competitivo, onde são despejados, ano após ano, milhares de novos arquitetos e onde se pagam vergonhosos honorários? Há uma alternativa. E a alternativa, pode parecer estranho; tem a ver com “Conversar com a cidade”. Foi tema da 9ª Bienal de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, em 2011, da qual vocês certamente se recordam: “Arquitetura para todos”.



Basta abriremos nossas mais respeitadas revistas de arquitetura e logo na primeira folheada poderemos perceber que o que está publicado ali é a *alta costurada* arquitetura. Escritórios de grandes empresas, casas para as elites educadas, centros administrativos e aeroportos. Não é à toa que nossos estudantes sonham em produzir este tipo de arquitetura. No entanto é frustrante quando estamos em nossos escritórios e esses projetos nunca chegam.

A alternativa é derrubar os muros da arquitetura. Não para ser politicamente correto, mas para atender a uma enorme demanda reprimida. A maior parte dos arquitetos disputa acirradamente uma oportunidade nos treze por cento da população pertencente às chamadas classes A e B que contratam arquitetos. A maior parte dessa população, os outros oitenta e sete por cento, nasce, vive e morre em edificações improvisadas. Dos 5500 municípios brasileiros, só 1000 contam com a presença de arquitetos. São cidades desenhadas e geridas sem nenhum conhecimento técnico. Demetre Anastasakis, grego de nascimento, brasileiro por adoção, ex-presidente do IAB, um dos idealizadores do CAU, conhecido pelos seus projetos de arquitetura de interesse social, correu o Brasil, alertando os arquitetos sobre as oportunidades de trabalho que a democratização da profissão reserva.

Pergunte a seus parentes e amigos e eles lhes falarão do medo de contratar um arquiteto. Que o arquiteto encarece a obra, que o arquiteto fará prevalecer o seu gosto. A elitização da profissão é tanta que a maior parte das pessoas não ousaria pensar na possibilidade de contratar um. Afinal, o arquiteto é um artista e, na nossa sociedade, arte só é arte se for para poucos.

Só quem pode mudar essa visão é o arquiteto, por meio de sua atuação qualificada, projetando casas frescas e esquinas acolhedoras. E o resultado de qualificar cada um dos edifícios transformaria a cidade numa grata experiência, em que o medo dá lugar ao prazer, o prazer que só a arte pode nos dar.

Eu encerraria aqui, se hoje não fosse dia 08 de março. Odia escolhido para lembrar a luta das mulheres pela igualdade, reverenciando a memória das 130 operárias



norte-americanas mortas quando protestavam por condições de trabalho mais justas. Se não fosse dia 08 de março talvez eu não tocasse nesse assunto. Trata-se de um terceiro muro a derrubar. O muro vergonhoso da desigualdade de gênero.

Folheie as mesmas revistas respeitadas de Arquitetura e você verá as fotos pomposas de arquitetos homens. Numa profissão em que predominam mulheres—basta ver a proporção de rapazes e moças entre os formandos—pouquíssimas são reconhecidas pelo seu trabalho. Os arquitetos que gozam de respeito e reconhecimento são, com raras exceções, homens.

Eu gostaria de lembrar aqui o trabalho anônimo das mulheres. Das arquitetas que não são celebridades, das mães que lhes despertaram por anos e anos com café fresco e uniformes dobrados e das zeladoras que deixaram as salas e corredores imaculadamente limpos, antes que chegássemos de manhã. Um trabalho silencioso que só notamos quando não é feito.

Gostaria de encerrar aqui agradecendo de novo pela honrosa incumbência, pela paciência de todos em me ouvir, pelo carinho de cada um dos formandos, e com a certeza de que a arquitetura e o urbanismo que vocês vão produzir a partir de amanhã podem, sim, estabelecer um novo diálogo com a cidade, derrubando muros, os muros da cidade e os muros da profissão.

Parabéns a todos e obrigada.